

## APONTAMENTOS SOBRE A QUESTÃO FEMININA NA ESCOLA DE FRANKFURT (Uma leitura nas entrelinhas)

Lúcia Avelar\*

**Resumo** Como os Frankfurtianos pensam a questão feminina? Mesmo sem produzirem escritos em que tratam explicitamente da questão, uma leitura cuidadosa poderá nos levar a conclusões como, por exemplo, a desigual condição da mulher na sociedade capitalista resultante da divisão sexual do trabalho. Assim, também, a ideologia da maternidade, discutida por Reich e Marcuse, a partir das bases valorativas dos movimentos feministas, são alguns dos posicionamentos facilmente identificáveis como favoráveis às causas das mulheres.

**Palavras-chaves:** Escola de Frankfurt e questão feminista; movimento de mulheres; ideologia da maternidade e Reich; ideologia da maternidade e Marcuse.

**Abstract** How did the Frankfurtians think the feminist question? While not producing any writings in which they explicitly dealt with the question, a careful reading could draw such conclusions as, for example, the unequal conditions of women in capitalist society being the result of the social and sexual division of labor. The ideology of maternity discussed by Reich and the ideas of Marcuse about the valorative bases of feminist movements are some of the easily identifiable favorable positions to women's causes.

**Descriptors:** Frankfurt School and feminist question; Women's movements; ideology of maternity and Reich; ideology of maternity and Marcuse.

### Introdução

A questão feminina e os movimentos de mulheres não constituíram preocupação fundamental entre os pensadores da Escola Frankfurt. Empenhados em analisar temas amplos, que abarcassem a sociedade industrial americana e o indiscutível domínio da técnica na vida humana, tenderam à reflexão, sobretudo, da Cultura, da Arte e da técnica, dos mecanismos ideológicos da Indústria Cultural e de outros aspectos envolvidos no cotidiano dos homens nas sociedades de massas.

Sob um olhar que não poderíamos deixar de denominar de pessimista, esses pensadores, em geral, não viam saída para a realização do indivíduo enquanto personalidade autônoma, em decorrência da "grande dominação" exercida pela técnica, entidade que eliminado a distância entre a ilusão e a realidade, junta os homens numa "multidão silenciosa".

Em seus escritos, são particularmente relevantes o papel da Cultura em uma civilização dominada pela técnica, ficando, portanto, em outro plano, questões sociais e políticas relativas aos grupos minoritários e emergentes, entre eles o Movimento das Mulheres.

Contudo, o assunto não caiu completamente no âmbito do desconhecimento. O interesse pela origem da civilização repressiva, pela crítica à estrutura da sociedade burguesa-industrial, e pelo entendimento dos mecanismos em jogo nos movimentos fascistas, acabaram por expressar uma concepção sobre a mulher, ainda que de forma fragmentária.

Este trabalho tem por objetivo procurar juntar exploratoriamente alguns desses fragmentos, sem, no entanto, pretender uma construção sistemática. Tal reflexão

---

\* Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP

nos fornece relevante dados as grandes transformações econômicas e sociais do Brasil, das últimas décadas, que geraram uma outra ordem social, com novas formas de valores, tanto sociais, políticos, culturais, como familiares. Nesta nova ordem, e desenvolvida em atmosfera relativamente caótica, a questão feminina impôs-se como resultante do amálgama entre velho e o novo pois a mulher, em significativa proporção também lançada ao mercado de trabalho, passou a fazer parte do numeroso contingente de indivíduos que vendem sua força de trabalho, tanto no mercado urbano quanto na agricultura capitalista.

Como ocorre em todas as sociedades industrializadas, a entrada da mulher no mercado de trabalho não leva necessariamente a uma divisão de trabalho na família, formando-se aí as condições para reivindicações específicas das mulheres, contra as desigualdades econômicas e sociais de um capitalismo não-redistributivo, de um lado, e as difíceis situações de sobretrabalho que ela passa a desempenhar.

A sociedade brasileira atual aproxima-se deste modelo e os movimentos feministas, particularmente em áreas metropolitanas, surgiram em decorrência destas condições de transformação da ordem econômica e relativa substituição da família por outro modelo, a partir do qual se reivindicam mudanças dos valores fundados na autoridade masculina e paterna.

Usando a terminologia proposta por Marcuse, quando analisa os movimentos feministas norte-americanos, as mulheres, agora lançadas ao mercado de trabalho, também têm como referência os “princípios de rendimento”, ou seja, orientam-se por valores centrados na eficácia, na produtividade e na capacidade de competição.

Em linhas gerais, dizem os Frankfurtianos, a liberação da mulher nestas condições é uma falsa liberação, pois ela se rende, tanto quanto os homens, ao “princípio de reificação”. A distribuição de papéis neste contexto não significa, necessariamente, liberação, mas, de algum modo, adaptação às bases materiais do capitalismo. Criticam, assim, todas as reivindicações que reafirmem o “princípio de rendimento” e o “princípio de realidade”, como declara Marcuse em meados da década de setenta.

Tentaremos, nos tópicos seguintes, realizar uma leitura (ainda que muitas vezes nas entrelinhas) das condições em que analisam a problemática feminina do ponto de vista de um indivíduo duplamente dominado, tanto pelo reconhecimento da autoridade masculina, como pelo reforçamento de seu papel como reprodutora, e em condições de sobretrabalho.

Sem perder de vista que esta leitura é inicial, e longe de pretender entrar em pormenores da questão, lançamo-nos ao trabalho, na expectativa de elucidar alguns aspectos presentes na literatura tomada.

### **A Demarcação dos espaços Masculinos e Femininos: Freud e Marx o uso da Simbologia por Bourdieu**

Nas contribuições de Marcuse sobre a gênese da Civilização Repressiva, sob a perspectiva da teoria freudiana, o autor especula sobre as bases e justificativas do modo como se deu, historicamente, o estabelecimento da autoridade paterna e conseqüente submissão da mulher ao poder masculino.

Reportando-se à teoria da repressão instintiva, Marcuse mostra a importância da “herança arcaica” na civilização atual. Nela há disposições, conteúdos ideológicos,

vestígios de memórias de experiências passadas de outra gerações; neste âmbito é que a Psicologia de Massas, tem pesquisado o poder das heranças universais sobre os indivíduos. A personalidade, segundo ele, é o resultado final dos processos históricos retidos nas instituições sociais e nos indivíduos. E a submissão das mulheres deve ser compreendida a partir da dominação do pai primordial.

Para Freud tal processo encontra-se presente desde as primeiras organizações sociais que ele chama de hordas primordiais e nas quais a experiência da dominação é extrema e simbolizada pelo pai primordial - o Édipo.

Marcuse chama atenção para o fato de que a importância da teoria está em seu valor simbólico, já que os eventos arcaicos aos quais a teoria se reporta jamais estarão sujeitos à verificação antropológica. No entanto, diz ele, seu valor reside no simbolismo; não importa quando e em que dado momento da vida do gênero humano a vida grupal foi organizada através da dominação masculina - o pai.

Para ele a justificativa de o homem ser dominador está centrada na maior força física deste e, sem realizar outras mediações, deixa de lado os condicionamentos históricos desta diferença. Sem se deter no fato de que a espécie humana é uma realidade histórica, e nela se forma, não explica por que a mulher é a segunda natureza e sob quais condições tornou-se possível a continuidade da dominação masculina nas sociedades.

Marcuse evidencia a importância da imagem paterna, sob a qual a civilização progrediu. Através dela é que se compreende e se nega um dos aspectos fundamentais da ideologia da cultura moderna: a noção do indivíduo autônomo que, desde então, se vê como manifestação

congelada da repressão geral da humanidade.

O valor simbólico da teoria reafirma a condição de dominação pelo homem e, se a mulher e os filhos são os dominados, aos filhos homens é possibilitada uma saída: reconstruir o processo de dominação.

Segundo esse ponto de vista, a mulher é apreendida como a imagem desejada, a esposa-mãe do pai, o objeto do desejo imediato e natural também para o filho - o Nirvana pré-natal. É o objeto original da luta - o homem a monopoliza para si a mulher (prazer supremo) e sub-juga os outros membros da horda a seu poder. Assim o homem consegue o domínio excluindo os outros do prazer - o que na história significou distribuição desigual do prazer. Nesse processo estão presentes sofrimentos, mortes, expulsões e castrações; a repressão repousada nas gratificações instintivas criou as pré-condições mentais ao contínuo funcionamento da dominação masculina. Então, é através do princípio do prazer que se organiza a autoridade masculina condição necessária ao funcionamento e sobrevivência dos grupos, tanto em sua base biológica quanto sociológica. Vê-se, por aí, que a autoridade de um realiza-se pela submissão do outro - no caso, a mulher. Os outros homens, também privados de compartilhar o prazer destas mulheres, aprendem os princípios necessários à manutenção do equilíbrio da sociedade e justificados por uma gratificação deferida: a institucionalização da propriedade privada e da herança, canalizando assim as suas necessidades instintivas para realização em outro momento.

No contexto da teoria freudiana, estas são as circunstâncias sob as quais se forjam a "derrota" da mulher na sociedade. É neste ponto que Freud se encontra com as explicações de Marx e Engels: para estes o

momento em que o homem recorre a outros homens para desbravar florestas e tornar os campos produtivos, conquistam e também institucionalizam o regime da propriedade privada. Para Marx, no regime comunitário, que antecede ao modo de produção capitalista, há relativa igualdade entre sexos, já que as famílias são, a um mesmo tempo, unidades de produção e de consumo, enquanto que no regime de propriedade privada, para que os interesses comuns e particulares se interliguem, a autoridade masculina e patriarcal é que devem ser legitimadas.

Tanto no contexto da teoria freudiana como na marxista, a religião tem a função de sublimação da liberdade reprimida, para que ocorra a estabilidade grupal. A possibilidade de libertação apenas em um mundo imaginário é a contrapartida positiva à dominação cotidiana. A ela se juntam códigos éticos de honra, que reforçam a posição paterna, e a autoridade vai gradualmente sendo transferida do pai para outras agências de controle social, dentro do sistema de inibição compensadas. Autoridades paternas e autoridades constituídas no campo das instituições se fundem, e à mulher cabe apenas se submeter.

Os conteúdos explicativos tanto da teoria freudiana como marxista retêm, num certo sentido, a mesma simbologia. Se na organização do princípio do prazer a mulher é o pólo necessário para legitimar a autoridade paterna, o mesmo acontece na instituição de propriedade privada. No primeiro caso, mulher é o objeto original da luta, mas ao mesmo tempo é excluída do domínio do poder; no segundo, a organização da propriedade privada e a institucionalização da herança para os filhos justificam a autoridade paterna, e a mulher é excluída do domínio econômico e do poder. Nas duas teorias encontramos,

portanto, um conteúdo explicativo para expressar uma situação já conhecida, qual seja, a *segunda natureza* da mulher.

São excluídas destas abordagens, por exemplo, propriedades comunitárias transmitidas pelas mulheres nas sociedades em que há um domínio religioso e legal sobre a gleba. É o regime de direito materno, no qual venera-se a idéia da fecundidade, e a mitologia é vasta ao firmar papel de superioridade da mulher. Mágicas, feiticeiras e sacerdotisas são todas as figuras femininas de enorme poder, como frutos de organizações sociais fundadas na adoração religiosa à fecundidade da mulher.

Os Frankfurtianos (Marcuse, em especial) estão sob a influência de Freud e Marx. Na fusão destas teorias é que, explicam os mecanismos subjacentes às relações e instituições sociais no que tange aos papéis masculinos e femininos, e deixam relativamente claro que a delimitação dos espaços pertencentes ao homem e à mulher foram fundamentais aos ordenamentos sociais em relação aos quais a civilização desenvolveu-se.

Bourdieu, partindo desta concepção, irá aplicá-la em um estudo empírico de grande importância pelo caráter de uma reinterpretação histórica (aldeia pré-capitalista) e teórica (os simbolismos presentes em Marx e Freud). Ao estudar os princípios sob os quais são construídas as casas em uma aldeia da África do Norte, vê nelas a expressão da autoridade do mundo masculino e a submissão feminina. A "maison Kabyle", para êle, reafirma os aspectos da autoridade patriarcal decorrentes da repressão como se pode ver nas divisões das casas, estruturadas pelas relações de oposição. Os códigos religiosos, de honra e ética, reafirmam-se na arquitetura das casas, de modo que tais princípios sejam reforçados e materializados nos próprios espaços da vida familiar.

Na aldeia pesquisada as divisões funcionais das casas expressam tanto o "princípio de realidade" quanto o "princípio de prazer". A relação dominador/dominado, na qual o homem impõe a renúncia do prazer às mulheres, encontra nos espaços externos e internos das casas sua expressão mais simples e direta: partes altas, partes baixas, separadas por um pilar principal que sustenta o todo, sugerem que o funcionamento da organização social tem como base a autoridade masculina e sua proteção fecundante, que se estende às mulheres e filhos. "A mulher é a fundação; o homem, a matriz". A garantia da organização e da ordem, a prevenção das lutas e guerras são reconhecidas na delimitação do espaço sagrado, cuja violação terá um significado social de pecado ou sacrilégio. Como mostra Marcuse, a religião é a instituição reforçadora destes princípios, oferecendo um sentido divino às renúncias.

A honra familiar é simbolizada pela serpente, símbolo do poder fecundante do homem, enquanto a mulher é simbolizada pelo pilar sólido e plantado no meio da casa. Vê-se aí que a sustentação da honra é dada pela submissão da mulher no reconhecimento da autoridade masculina. Assim é a disposição estrutural da casa: parte alta e baixa, luz-sombra, dia-noite, fogo-água, fecundante-fecundável - são as mesmas oposições presentes tanto internamente à casa, como também entre a casa e o resto do universo. No universo cultural, não há vestígios do mundo feminino, pois a mulher está voltada essencialmente à gestão da natureza e excluída da vida pública. A ela lhe pertence todo trabalho ligado ao obscuro. "Deus o dissimula" - diz a religião e assim reforçando a estrutura.

Bourdieu aponta para o fato de que a mulher aparece como símbolo da repressão

através do trabalho do mundo obscuro, ou espaço privado. Dominador e dominado são partes da mesma unidade social: o dia se opõe à noite; o fogo à água, o homem à mulher, cada segundo termo destas oposições são parte do outro. E a continuidade da organização social só subsiste neste contexto, na realização destas oposições, na casa, tribo, aldeia, cidade ou país pleno. É a síntese do universo.

À luz de uma reinterpretação de Bourdieu e Marcuse, torna-se possível compreender o modo como se reconhece o "lugar próprio" da mulher: a autoridade é masculina, a mulher é a segunda natureza. Em termos teóricos Marcuse adota os princípios freudianos e marxistas. Bourdieu se volta a uma concreção e estuda empiricamente seu conteúdo simbólico. Ambos deixam claro que a autoridade masculina e a submissão feminina são partes de um processo de dominação e repressão que constroem, solidamente, as fortificações ideológicas para o trabalho masculino e o exercício do poder ao passo que as mulheres, lançadas ao "mundo das sombras", passam a ser o sustentáculo imponderável para que o poder masculino se exerça.

Esta via de análise, apropriada para as estruturas pré-capitalistas, oferece também um fecundo caminho para interpretações no mundo capitalista. Está claro que as mulheres permanecem destituídas de autoridade e poder, mesmo quando lançadas ao mundo do trabalho. Vejamos algumas ponderações.

### **A Mulher na Sociedade Capitalista: Primeiras Observações**

Marcuse, Adorno e Horkheimer são alguns dos membros da Escola de Frankfurt

que se detêm, de algum modo, sobre a situação da mulher no mundo capitalista sem que nenhum dêles, no entanto, priorize a questão. Se pensarmos que, no considerável volume de seus escritos, a temática feminina não ganhou expressão, sendo apenas tratada quando empenhava-se em refletir sobre o papel da família no contexto do capitalismo burguês.

Contudo, é possível reconstruir algumas passagens. Vêem, a mulher, como o “polo negativo” da estrutura, capaz de realizar na sociedade outros princípios diferentes daqueles predominantes e, segundo eles, exercendo um poder destrutivo. Assim, criticando a família, resgatam a imagem feminina, reivindicando sua autonomia.

Em primeiro lugar, Marcuse, tratando do papel da mitologia na organização das sociedades, denuncia, através do mito, a concepção atribuída à mulher. Numa cultura dominada pelo “princípio do desempenho”, mostra ele, alguns dos arquétipos usados expressam oposições necessárias à continuidade do sistema. Prometeu e Pandora são dois destes “heróis culturais”. Prometeu é a imagem do esforço, da produtividade, daquele que tenta incessantemente dominar a vida. É a mais pura expressão do “princípio do desempenho”. Já Pandora é o princípio feminino, pertencente à esfera de sensualidade, do prazer, dos impulsos; portanto, antagônico à razão. Simboliza, na sociedade, a improdutividade, o parasitismo, o peso no orçamento. Como diz Marcuse, na interpretação do mito, “... a beleza da mulher e a promessa de felicidade que ela representa são fatais no mundo de trabalho e da civilização”.

A representação da mulher como heroína é carregada de conteúdos de “irracionalidade”, e de valores que se querem preservados para que a autoridade paterna continue prevalecendo. Sobre isto,

fala claramente Adorno. Dialogando com Veblen, acaba por acusá-lo de “tardio apologista do feminismo”, pelo fato de apontar a situação particular das mulheres apenas como “subtraída” da vida prática, distanciadas do processo de produção, como ser humano não acabado, em virtude de uma socialização incompleta.

Adorno critica Veblen duramente, e afirma que as mulheres não ficaram apenas fora do processo de produção, mas, pior, foram lançadas à esfera do consumo, na imediatidade do mundo da mercadoria, e com ela identificada. Como Marcuse, Adorno vê a mitologia se realizando mesmo na reflexão de outros pensadores: a mulher é um ser improdutivo, consumidor, promíscuo, identificado com a mercadoria; sua “irracionalidade” é próprio substrato da racionalidade capitalista. Se as mulheres são o lado da razão (verdadeiras “pragas” no contexto econômico e social), a imagem do esforço e produtividade só é possível ao homem. A mitologia, em seus conteúdos, reforça os valores da dominação masculina.

Segundo Adorno, Veblen, cai nas malhas da mitologia adaptada ao capitalismo industrial. Mais tarde, juntamente com Horkheimer, exporá, mais explicitamente, seu pensamento sobre a família burguesa e a mulher.

Vêem na família a agência psicológica da sociedade pois ali é que são desenvolvidos os processos através dos quais aprendem-se os mecanismos de internalização de submissão dos indivíduos. Mas, dizem eles, só a mulher pode libertar a família desta função repressiva e realizar o princípio do amor - idéia que Marcuse vai desenvolver mais consistentemente em 1974. Na verdade, tanto Adorno quanto Horkheimer estão preocupados com o conteúdo ideológico da família capitalista burguesa que, na consciência ingênua, não é vista em sua dimensão histórica. O pai é

aquele que traz a prosperidade. Abaixo dele está o “bom anjo da casa”, a mãe. A paz é representada pela mulher e pelos filhos, subtraídos da luta de classe “externa” a eles.

Os autores também se perguntam sobre a natureza do trabalho doméstico numa sociedade de mercado. Para eles, e usando claramente a categoria marxista, o trabalho doméstico se inscreveria na ordem do trabalho não mercantilizado, pelo fato de não gerar valor. Como fica, no contexto do capitalismo avançado, a incorporação da mulher ao mercado de trabalho? Onde fica o princípio de autoridade paterna e a submissão feminina, em circunstâncias em que este fundamento é desfeito pela própria sociedade em curso? O mito de Pandora já não personifica a mulher, pois, lançada ao trabalho, encontra-se exposta aos mesmos “princípios de desempenho” que o homem, desfazendo, portanto, o conteúdo da simbologia.

Neste questionamento, ao nosso ver, estes autores acabam mencionando importantes aspectos da questão feminina resgatando a imagem da mulher de sua condição histórica de submissão. Sem grandes apologias, mas veiculando as condições reais sob as quais se dá a produção capitalista, acabam trazendo à tona a milenar situação de submissão e de segunda natureza da mulher.

Outro aspecto a ser considerado, e da maior importância na história, é a reflexão acerca da função reprodutora da mulher, uma função que muito se prestou à construção de ideologias úteis aos regimes nazi-fascistas. Como veremos adiante, compatibilizar a função biológica feminina aos valores de sustentação de um Estado repressor, foi a preocupação de Hitler: e isto, a nosso ver, merece um pequeno destaque.

## **Ideologia da Maternidade e os Movimentos Fascistas**

No bojo dos movimentos fascistas surge, de modo veemente, a valorização da função reprodutora da mulher. Como um dos recursos utilizados na sustentação destes movimentos, a imagem do pai confunde-se com a do Estado, o que exige das mulheres e das crianças um comportamento sexual dos mais severos e reprimidos. Na raiz destes valores introduz-se um suporte de natureza afetiva, quando na relação Pai-Estado e Mãe-família é que se deitam os eixos principais da ideologia autoritária.

Nas décadas que antecederam tais movimentos, observa-se algum afrouxamento da repressão sexual em relação à mulher, obviamente em condições que não ferissem os princípios básicos da continuidade de funcionamento das sociedades. Contudo, em seguida, com os movimentos políticos de caráter autêntico, retorna-se às condições das normas de maior repressão.

Ao fim da Idade Média, quando o feudalismo se organizava, torna-se incerta a condição da mulher, pois há relativa confusão entre a soberania e a propriedade. Mais ou menos até o Século XI, a ordem vem da força, do poder das armas. Se o homem está ausente, a mulher é quem defende as terras. Só no Século XII é que surge o amor cortês, entre os lazeres da vida do castelo, quando são permitidas às mulheres a conversação, a poesia, os contatos. Vê-se, aí, tendência para a realização do amor sexual, pela presença oficiosa do adultério. Nos séculos seguintes, XV a XIX, a posição das mulheres só evoluiu nas classes privilegiadas, quando orgias e crimes das grandes damas cortesãs acabaram tornando-se lendárias. No século XVII, com a burguesia em ascensão, é que se impõe novamente à esposa uma moral

rigorosa, muito embora nesta época de decomposição da nobreza, as mulheres usassem sua liberdade. No "Ancien Regime", as mulheres das classes trabalhadoras ainda conheceram muito maior independência pelo trabalho e, conseqüentemente, para seu comportamento individual.

O Código Napoleônico detém este processo e reafirma o papel da mulher como mãe e reprodutora.

Essa mesma reafirmação do papel da mãe na sociedade como vimos, foi também integralmente usada por Hitler.

Para que o poder do pai de família se exerça, mulheres e filhos devem ser submetidos sexual e socialmente. Mas Hitler resgata o prestígio da mulher, fixando-se em seu papel de reprodutora e mãe. A exemplo da identificação do pai com a autoridade constituída, faz confundir a imagem da mãe com a de pátria e nação. Para isto, evoca mulheres a exercerem seu papel materno, e as "Mães Alemãs" formam o suporte fundamental para a construção de Grande Nação.

Em "Angriff", 1933, quando comemora a Festa das Mães, diz: ["(...) a mãe (...) a guardiã da vida familiar, nela é que germinam forças que irão conduzir nosso povo para o alto"] (Reich). É um jogo cuja força está na oposição concomitante do prestígio e da repressão. Como observa Reich, quanto mais falso o discurso do ponto de vista econômico e social, maior sua eficiência ideológica. Assim a valorização da mulher servia apenas aos propósitos políticos do dirigente.

Em "Meu Programa", tal evocação também pode ser vista "... a mulher é por natureza e destino a companheira do homem;... o trabalho honra a mulher e o homem, mas a criança enobrece a mãe".

Sem dúvida, eis um dos grandes retrocessos na posição da mulher do ponto

de vista histórico. Conquistando pouco a pouco sua independência econômica, mesmo sob circunstâncias de trabalho alienado, a mulher é chamada à sua função reprodutora e ao domínio familiar. Cuidou-se para que o prestígio social das mulheres fôsse calcado na maternidade, mesmo que suas condições objetivas de vida estivessem em pleno contraste com o discurso ideológico, pois sabe-se que as mães eram grosseiramente tratadas pelo povo trabalhador na Alemanha de Hitler.

Ao analisar o caráter sobre-repressivo destes movimentos, Reich aponta, ao mesmo tempo, as condições históricas sob as quais a autonomia feminina retrocede. Quando convenientes, os valores conservadores são novamente reafirmados.

Décadas depois, não passou despercebido a Marcuse, o caráter revolucionário dos movimentos das mulheres na sociedade americana dos anos 70.

### **Movimentos Feministas: a Visão de Marcuse**

Convidado a fazer uma conferência no Centro de Pesquisas da Mulher, na Universidade de Stanford, em 1974, Marcuse reflete sobre os movimentos feministas iniciados nas décadas anteriores. Toca em pontos fundamentais e nevrálgicos destes movimentos, pois, vê neles, em princípio, a reafirmação dos mesmos valores sobre os quais se assentam o capitalismo industrial em vez de uma subversão da ordem valorativa que poderia levar à construção de uma sociedade mais igualitária. Desde o início, descarta a noção de que as mulheres não constituem uma classe social, no sentido marxista. Fala de uma categoria geral de mulheres, que atravessam todas as clivagens econômicas e sociais.



Elabora uma retrospectiva histórica que tem por objetivo evidenciar o caráter de apêndice da mulher em relação ao homem: particularmente agora, quando se pleiteia igualdade econômica social e política - esta igualdade está sendo reivindicada a partir da situação masculina - portanto, sujeita aos mesmos princípios de rendimento e de realidade que os homens. Neste sentido é que pergunta: - para onde caminham os Movimentos Feministas?

Sua visão é a de que tais movimentos constituem, potencialmente, o mais radical dos movimentos políticos atuais, por carregarem em sua essência a contestação dos valores nos quais se assentam toda a sociedade capitalista. Os valores sob os quais se fundam prenunciam instituições sociais novas, mudanças culturais. O núcleo do potencial revolucionário é: um socialismo, gerado como antítese às qualidades ditas masculinas. Em termos gerais, a nova sociedade emanaria a vitória de Eros sobre Thanatos ao negar os valores destrutivos e repressivos do capitalismo como forma de uma cultura dominada pelo homem.

Não é, pois, sem razão que Marcuse declara que sua visão é também o resultado da discussão apaixonada, com mulheres, sobre o movimento, e de uma reflexão onde acaba por capitular e se desculpar: ["Nós homens, temos de pagar os pecados da civilização patriarcal e sua tirania, mas, há alguns problemas (...)]" (Marcuse, 1976). Tais problemas, diz ele, se inscreveriam no próprio âmbito das relações eróticas, ou de necessidade de acomodações individuais, quando homens e mulheres têm, cada um, seus próprios interesses. Mesmo antevendo uma sociedade melhor para todos, pergunta: ["(...) se um irá trabalhar em outro lugar, quem seguirá quem?"].

Defende o "socialismo feminista", como um modo de vida diverso daquele proposto

seja pelo capitalismo, seja pelo socialismo marxista.

Este, segundo evidências, guarda resquícios do "princípio de rendimento", na medida em que nele está presente a noção de um desenvolvimento sempre mais eficaz das forças produtivas, e que continua separando o "reino da liberdade" do mundo do trabalho. Por outro lado, o socialismo feminino estaria voltado à organização de um modo de vida qualitativamente diferente, cuja proposta é fazer da vida um fim em si mesmo, desenvolver os sentimentos e o intelecto, livrar a sensibilidade e a inteligência da racionalidade e da dominação. Assim vista, a liberação das mulheres seria revolucionária, pois toda energia agressiva estará canalizada contra a dominação e a exploração. As chamadas características femininas seriam, então, parte integrante da estrutura das sociedades, tanto no plano material quanto intelectual. A agressividade perderia seu caráter especificamente masculino, identificado com produtividade, rendimento, eficácia, competição; agora, ela estaria orientada para a construção de uma sociedade cujo valor básico seria a liberdade.

Tal proposta é percebida por Marcuse como utopia, pois ela é essencialmente, a negação do capitalismo. Tal utopia só seria possível de transforma-se em ideologia, numa sociedade em que os trabalhos físicos mais penosos e o tempo de trabalho fossem reduzidos, a moral sexual liberada, o controle de natalidade seguro e a educação igualada.

O caráter de utopia tanto mais se evidencia quando são tomados dados recentes da evolução do modo de produção capitalista: há um crescente número de mulheres empregadas no processo de produção; uma diminuição do esforço muscular requerido pelo desenvolvimento

técnico; uma estética da mercadoria a níveis de realização da felicidade e do prazer - pelo recurso da sensualidade e do luxo na apresentação publicitária dos produtos; mulheres e filhos trabalham, há outras agências de socialização, como os meios de comunicação de massa, os grupos de idade, enfim, uma nova base material. Reificação: eis como Marcuse define o atual estágio dos movimentos feministas, por pregarem igualdade das mulheres que, na realidade, encontram-se submetidas aos mesmos desígnios do trabalho que os homens, sem contudo deixarem de ser esposas, mães, donas-de-casa. Por tal razão, diz Marcuse, é que, aparentemente, não houve avanços substanciais, e há muito a conquistar, pois pertencer à mesma esfera de trabalho alienado que os homens não é, definitivamente, avanço.

Marcuse discute assim o ponto nevrálgico dos movimentos feministas: deixa claro que avanços no plano emocional e afetivo conservando-se entretanto, idêntica base material da sociedade, não resultarão em mudanças efetivas para as mulheres e, menos ainda, se se leva em conta as diferenças entre as classes. Segundo ele, as diferenças continuarão persistindo, e de algum modo acentuadas, no âmbito de um sistema por natureza desigual. A mudança essencial dos movimentos de mulheres está na postulação de uma sociedade, forjada sob outros princípios de realidade, com um conjunto de valores e normas que regem o comportamento dos indivíduos que têm por base Eros, que luta pela unificação da vida e pelo conjunto vital, superando o princípio da igualdade pelo da liberdade. Em análise recente do capitalismo das últimas décadas e após as transformações que sofreram os Movimentos das Mulheres, Przeworski (1989) aponta para o fato de que uma família democrática é aquela que todos os seus membros são iguais, enquanto uma

família socialista é aquela em que os seus membros são livres. Neste sentido, aí está um dos resultados da luta das mulheres: a possibilidade de substituição dos movimentos econômicos pelos movimentos sociais tal como os feministas, pois são eles que reassimilam as questões culturais nas lutas políticas. "Melhorar" o capitalismo é colocar na agenda a superação da pobreza e da opressão, valores estes ainda não incorporados pelos movimentos econômicos.

### Conclusão

A importância do pensamento da escola de Frankfurt no momento presente da vida brasileira parece indiscutível. Uma sociedade rapidamente transformada, seja pela industrialização ou pelas altas taxas de densidade urbana, fizeram emergir núcleos de vida urbana afinados com uma cultura na qual a técnica passa a ser o elemento básico da vida dos indivíduos. O conjunto dos valores morais, estéticos e intelectuais da sociedade industrial estão presentes em grande parte do Brasil de hoje.

Por tais motivos é que não são diferentes de outras sociedades ocidentais industrializadas em maior ou menor grau. A questão feminina surgiu entre nós, como parcela dos vários segmentos da minorias que reivindicam igualdade, na desigual distribuição econômica, social e de poder.

Procuramos deixar claro que o impulso que nos guiou foi de acumular, num primeiro trabalho, alguns apontamentos sobre a questão, deixando antever a possibilidade de uma discussão para outras elaborações.

O que estamos propondo, a título de conclusão, é uma breve síntese do caminho que nos foi possível percorrer, na expectativa de sugestões no tratamento da questão.

Em primeiro lugar, passamos pela visão freudiana de organização de sociedade, que deita o primado da repressão na ancestralidade da dominação paterna. Por tal visão vêem-se demarcados os esforços próprios ao homem e à mulher, fato que Bourdieu analisa magistralmente, através do simbolismo expresso na construção das casas de uma aldeia norte-africana de economia pré-capitalista.

No centro de sua teoria da necessidade de repressão dos instintos, base geral da continuidade e estabilidade das sociedades, Freud aponta o homem como o repressor primaz. Marx, por sua vez, coloca a instituição de propriedade privada como o fato histórico demarcatório da organização familiar baseada na autoridade paterna. Marcuse, sob influência dos dois, e procurando desvendar os processos culturais e ideológicos sob os quais a sociedade atual se organiza, faz algumas passagens sobre a situação feminina, sem, no entanto, privilegiá-la.

Outros pensadores da escola seguem caminho idêntico. Adorno e Horkheimer, mais voltados à crítica da família e da moral burguesa, detêm-se, em alguma medida, à prática do culto às mães, do papel das esposas, do trabalho doméstico. Revelam o caráter complementar da mulher na sociedade capitalista e sua desigual condição na cultura. Neste aspecto, fazem crítica abertas, deixando entrever um aspecto "feminista" de seu pensamento.

Reich, por sua vez, faz a denúncia da ideologia da maternidade, particularmente em contextos fascistas. Aponta o uso da intermediação afetiva realizada através da família, para a difusão e sustentação dos movimentos autoritários. Também, neste caso, as mulheres são os veículos da submissão necessária à sustentação dos movimentos, e é sobre elas que reflete especialmente.

Finalmente, tentamos mostrar as idéias de Marcuse sobre os movimentos feministas, bem como o potencial revolucionário que eles trariam. Vimos que está dividido entre apontar problemas nos movimentos (pois que se apresentam como reprodutores dos mesmos princípios de desempenho e realidade da sociedade capitalista), ou capitular diante de uma concepção utópica. Neste caso, o movimento deve ser caracterizado como revolucionário, desde que nele se integrem os princípios de Eros, cuja energia agressiva será aplicada na realização afetiva e intelectual, dos indivíduos, livres da dominação e exploração.

Como se vê, Marcuse fica entre o que é e o que poderia ser, atestando sua defesa em favor dos dominados, antevendo uma nova sociedade, sem necessidade de uma autoridade representativa tirânica que, segundo suas palavras, "encarnou-se no homem".

Acabamos por concluir que, mesmo não tomando como central a discussão feminina, os frankfurtianos acabam por inscrevê-la no círculo de debates sobre a sociedade industrial, preocupados que estão em elucidar os processos presentes no cotidiano desta sociedades.

### Referências Bibliográficas

- Adorno, Theodor W. et ali (1978). *Teorias da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bourdieu, P. (1972). *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève: Librairie Draz.
- Horkheimer, M. e Adorno Theodor W. (1978). (Org.) *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix.
- Marcuse, H. (1972). *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Marcuse, H. (1976). *Marxisme et féminisme*. In *Acteulls*. Paris: Edition Galilée.
- Reich, W. (1972). *Psicologia de massas e movimentos fascistas*. São Paulo: Martins Fontes.